

**PADRE MONTE & CÂMARA CASCUDO: intelectuais “imortais” da
História Potiguar**

BRUNA RAFAELA DE LIMA LOPES¹

O objetivo deste trabalho é analisar como foi construída a “imortalidade” de dois intelectuais católicos norte-rio-grandenses: o folclorista e historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e o padre (cônego) Luís Gonzaga do Monte (1905-1944). Esses intelectuais, ainda em vida, apresentaram uma relação peculiar com a morte. Para Cascudo a morte era um “encantamento”. As pessoas não morriam, se encantavam. Havia uma fórmula mágica que transformava o vivo em encantado. O morto desaparece para os vivos, o encantado permanece vivo para os que vivem. Para Monte, a morte era algo positivo. Morrer era positivo e que trazia alegria, era um presente e o marco de um verdadeiro encontro com Deus².

Aspectos biográficos

Luiz Gonzaga do Monte nasceu na cidade pernambucana de Vitória de Santo Antão³ no dia 3 de janeiro de 1905 e foi primogênito de uma família 5 filhos. Em 1907, em razão do pai se tornar trabalhador da estrada de ferro que ligava Pernambuco ao Rio Grande do Norte, a família mudou-se para Pesqueira (também em Pernambuco), João Pessoa (na Paraíba), Currais Novos e Natal (no Rio Grande do Norte), cidade que

¹ Professora de História do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte, Câmpus Nova Cruz. Mestre em História pela UNISINOS.

² Só no primeiro semestre de 2008, o Memorial sediou uma exposição e apoiou outra. A primeira, em abril, intitulada – Cascudo: o olhar do etnógrafo (apoiada pelo Memorial e sediada no Museu Câmara Cascudo) e a segunda, em julho – Câmara Cascudo, cada dia mais vivo: 30 de julho - “Encantamento”. (sediada no Memorial). Ver mais sobre o termo encantamento na Dissertação que defendemos em 2009 na UNISINOS. Intitulada: “*Da rede ao altar: vida, ofício e fé de um historiador potiguar.*”

³ A cidade só passou a se chamar Vitória de Santo Antão em 1943. Na época do nascimento de Monte se chamava Vitória.

chegou em 1917. Nessa época Natal era uma pequena cidade com pouco mais de 20.000 habitantes,⁴ que só tinha se transformado em Diocese em 1909.⁵

Monte ingressou no Seminário São Pedro⁶, em Natal, no ano de 1919, com apenas 14 anos de idade, mas desde 1918 já fazia parte da Congregação Mariana de Moços de Nossa Senhora da Apresentação e São Luís Gonzaga.⁷ Por ser de família pobre, o seu ingresso no seminário exigiu que sua mãe, em troca dos estudos do filho, passasse a lavar e engomar as roupas dos seminaristas. Entre 1919 e 1922, Monte realizou os estudos preparatórios de Filosofia e Teologia. Em 1922 tornou-se efetivamente um seminarista e, em 18 de setembro de 1927, foi ordenado Padre na Catedral Metropolitana de Natal. A preocupação com a ciência e a formação humana estiveram sempre presente nas preocupações de Monte. Nesse sentido, ainda como seminarista escrevia para o jornal *A Ordem*, onde expressava seus pensamentos sobre a questão social.

Depois de consagrado, Monte continuou morando e ensinado no Seminário São Pedro. Nos primeiros anos de Padre pode continuar livremente os seus estudos científicos e doutrinários desenvolvidos desde o seminário, pois o bispo de Natal Dom José Pereira Alves estimulava essa ação. Todavia, dois anos depois de ordenado, Dom José foi transferido para a Diocese de Niterói, sendo substituído pelo baiano Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, que ficou no cargo entre 1929 e 1962. Para Holanda, a ascensão de Dom Marcolino deve ter sido um entrave para a vida intelectual de Monte. (HOLLANDA, 2005:80). “A personalidade conservadora e centralizadora do novo bispo não deixava margem para estudos inovadores”. (FERRARI, 1999: 67). Nesse sentido, para inibir os estudos do Padre Monte, o bispo lhe atribuiu uma série de

⁴ Sobre a população de Natal nas primeiras décadas da República consultar o artigo do professor George Dantas disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-96.htm>

⁵ Natal foi transformada em Diocese, pelo papa Pio X, em 1909. Esteve vinculada sucessivamente à Arquidiocese de São Salvador da Bahia até 1910, à Arquidiocese de Olinda até 1914 e à Arquidiocese da Paraíba até 1952, quando foi criada a Arquidiocese de Natal. Sobre o assunto pode ser consultado na internet o sítio: <http://www.arquidiocesedenatal.org.br/arquidiocese/historiaarq.htm>

⁶ O seminário São Pedro foi fundado em 15 de fevereiro de 1919.

⁷ Essa Congregação foi fundada, em 1918, em Natal, pelo Bispo recém-empossado Antônio dos Santos Cabral. A Congregação foi uma tentativa do bispo de atrair jovens, que estavam se vinculando a instituições não religiosas, para a Igreja. A visibilidade dessa Congregação foi adquirida na década de 1930, quando serviu de abrigo a Ação Católica em Natal.

atividades: desenvolver o sacerdócio, ser o Secretário Geral da Diocese, ser o diretor espiritual da Juventude Feminina Católica (JFC), ensinar no Seminário São Pedro, no Colégio Santo Antônio e no Colégio Atheneu. Apesar de todas essas atividades, Monte ainda encontrava tempo para realizar alguns estudos científicos e doutrinários.

O trabalho estafante e a fragilidade física de Padre Monte favoreceram para que contraísse uma forte tuberculose que o levou à morte. Internado no *Sanatório de Natal* em 26 de janeiro de 1944, o sacerdote faleceu em 28 de fevereiro do mesmo ano. Seu sepultamento contou com a presença de muitos oradores, que exaltaram a morte de um sábio.⁸

Luís da Câmara Cascudo nasceu a 30 de dezembro de 1898, na antiga Rua Senador José Bonifácio, conhecida como Rua das Virgens⁹, no bairro da Ribeira, em Natal. Nascido no crepúsculo do século XIX¹⁰, Luís da Câmara Cascudo teve uma infância e mocidade de príncipe, vivendo-as intensamente em uma chácara conhecida como *Vila Cascudo*¹¹. Nesta chácara ocorriam, com frequência, encontros culturais, reuniões literárias, recitais de músicos renomados, jantares e almoços festivos, que contavam, eventualmente, com a presença de personalidades famosas como Mário de Andrade, Plínio Salgado, Margarida Lopes de Almeida, Olegário Mariano, entre outras. Foi nesse ambiente que cresceu o *Príncipe do Tirol*¹², o *Cascudinho*¹³. Segundo Jaime

⁸ Um dos oradores foi o Cônego Luiz Wanderley

⁹ Esta rua passaria, a partir de 1955, a se chamar Rua Luís da Câmara Cascudo. Ver anexo A (foto do cartão de comemoração, que comenta o decreto da mudança do nome).

¹⁰ Segundo um de seus biógrafos mais conhecidos, Américo de Oliveira Costa, o século XX teria sido o “século cultural norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo”. Cf.: COSTA, Américo de Oliveira. Mestre Cascudo em Quatro Tempos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 33, n. 21, p. 69-76, maio 1990.

¹¹ A *Vila Cascudo* era uma mansão, segundo relato de Jaime Wanderley, publicado na Revista *Província*: “[...] uma vez chegados à Vila, recebíamos uma chave e nos dirigíamos ao quarto indicado, a fim de trocarmos a nossa roupa, por um pijama de categoria e os sapatos por cómodos chinelos de “chagrin” [...]”. WANDERLEY, Jaime. O Príncipe do Tirol. **Revista Província**, Natal, RN, n. 2, p. 28, 1968. Edição Comemorativa em homenagem aos 70 anos de vida e 50 anos de atividade literária de Luís da Câmara Cascudo.

¹² Câmara Cascudo era chamado de “*Príncipe do Tirol*” por ser filho de um dos homens mais ricos de Natal, o Coronel da Guarda Nacional e grande comerciante, Sr. Francisco Justino de Oliveira, que possuía a maior casa no bairro do Tirol, bairro nobre de Natal, no século XX.

¹³ Era desta maneira que Luís da Câmara Cascudo era chamado – por seus pais – na infância e mocidade. Seus conhecidos mais íntimos também o chamaram assim durante toda a sua vida. O sobrenome Cascudo decorre do fato de seu avô paterno, Antônio Justino de Oliveira (1829-1894), ter sido conservador e um defensor fiel da Monarquia no Brasil. Como durante o Império, os membros do partido conservador no Rio Grande do Norte eram chamados de

Wanderley, a alcunha popularizou-se de tal forma, que Luís da Câmara Cascudo veio a instituir oficialmente o *Principado do Tirol*. Foi, especialmente nas décadas de 1910 e 1920, que o *Principado* teve seus momentos de nobreza e de glória, o que não impediu, como bem observado por J. Wanderley, “que a função do ‘*principado*’ se prolongasse na continuidade dos anos”¹⁴.

Em sua infância, o menino Cascudo – o único filho sobrevivente do casal Cel. Francisco Cascudo e D. Ana da Câmara Cascudo – teve os livros, os quadros e a música entre seus mais fiéis companheiros e melhores amigos¹⁵. O fato de os três irmãos de Câmara Cascudo terem morrido nos primeiros anos de vida, em decorrência de doenças comuns da época, como a difteria, fez com que *Cascudinho* fosse criado em clima de extrema proteção, cercado de segurança e privado de brincadeiras comuns da infância com outras crianças. Ao falar sobre a sua infância, Cascudo costumava dizer que:

A religiosidade familiar parece ter sido um elemento importante na formação de *Cascudinho*. O próprio Câmara Cascudo conferiria importância ao seu batizado, referindo-se a ele no artigo “Um Provinciano Incurável”, publicado na *Revista Província*, editada pela Fundação José Augusto: “nasci na Rua das Virgens e o **Padre João Maria batizou-me no bom Jesus das Dôres** (sic), Campina da Ribeira, capela sem torre (sic), mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer” (grifo nosso). O destaque dado por Cascudo ao seu batizado seria retomado no necrológio escrito por Enélio Lima Petrovich, e publicado na Revista do IHGRN: “[...] foi batizado pelo padre e santo João Maria¹⁶ (09.05.1899) [...]”¹⁷, com menos de um ano de idade. Infere-se desta informação que não apenas a família observava os preceitos da religião católica, ao realizar seu batizado nos primeiros meses de vida, como também que ela marcaria a criação de Cascudo.

“*Cascudo*”, o termo foi incorporado como sobrenome à família. O Coronel Francisco Justino, pai de *Cascudinho*, deu prosseguimento à tradição passando-o também ao filho Luís. Tornou-se, desde então, sobrenome oficial da família.

¹⁴ Ver mais em: WANDERLEY, op. cit., p. 32.

¹⁵ Donana, como era chamada a mãe de *Cascudinho*, gostava de música clássica e de ler romances. Era muito religiosa e era considerada “a grande Dama da sociedade potiguar”.

¹⁷ PETROVICH, Enélio Lima. Necrológio de Luís Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 160, 1985-1986.

Apesar da infância e da juventude solitária, Cascudo parece ter sido intensamente marcado pelas relações afetivas que manteve, como se pode constatar no afeto dedicado, primeiramente, aos seus pais e professores, e, posteriormente, à esposa, filhos e netos, e aos amigos e parceiros profissionais. A gradativa emancipação da proteção familiar e, sobretudo, do pai, parece ter se dado no momento em que *Cascudinho* foi pela primeira vez à escola. A escola – um espaço mais coletivo e independente – foi, sem dúvida, fundamental para aquilo que Cascudo se tornaria: um professor, um orador e um homem público que apreciava estar cercado de ouvintes ou de falantes.

Câmara Cascudo, é preciso lembrar, fazia parte de uma geração que nasceu na virada do século XIX para o século XX, momento em que as *Humanidades* gozavam de prestígio. Era bastante usual – entre as pessoas que integravam a elite nesse período – a aquisição de livros, razão pela qual ocupavam as estantes de um espaço nobre de suas residências, como a famosa *Babilônia* de *Cascudinho*. Esses gabinetes de trabalho eram, geralmente, lugares próprios dos homens, dos chefes de família, cujas bibliotecas pessoais acompanhavam sua trajetória de vida, funcionando como marca identitária¹⁸. *Cascudinho* foi um desses homens que consideravam seu gabinete de trabalho como um lugar “sagrado” de produção.

Cascudo exerceu o magistério por muitos anos, até se aposentar como professor de Direito da UFRN, da qual recebeu títulos de “Professor Emérito”¹⁹ e de “Doutor Honoris Causa”²⁰ – ambos pela Faculdade de Direito da UFRN – instituição na qual deixou discípulos como Enélio Lima Petrovich e Diógenes da Cunha Lima.

¹⁸ Ver mais em: ABREU, Regina. Um Homem de Letras. In: _____. **A fabricação do imortal: memória,**

história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996. p. 137.

¹⁹ “As instituições universitárias costumam distinguir os seus mestres de maior saber e talento com o título de professor emérito. Seguindo esta tradição, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no reitorado do Professor Onofre Lopes, conferiu o título de professor emérito ao escritor Luís da Câmara Cascudo. Na solenidade de entrega deste honroso título, o Professor Américo de Oliveira Costa saudou o homenageado perante a Assembléia Universitária, realizada no dia 21 de março de 1967” apud SOUZA, Itamar de. Câmara Cascudo: vida & obra. **Diário de Natal**, Natal, RN, n. 5, 27 jan. 1999. DN-educação, p. 91. Projeto Ler.

²⁰ COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. À mesa com Cascudo: da água, do pasto, da horta e do pomar à cozinha como fábrica dos sonhos. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, Natal, RN, v. 46, n. 34, p. 11-20, jan./jun. 2005.

A carreira de professor foi desenvolvida em paralelo a de historiador e de pesquisador. Foi no período de elaboração da tese para o concurso de ingresso como professor no Atheneu que Cascudo revelou o gosto pela pesquisa documental, pela busca da verdade histórica, pela erudição e pela polêmica.

A capa do jornal *Tribuna do Norte*, da cidade do Natal, que circulou no dia da morte de Cascudo estampava a seguinte manchete: “**Natal perde o seu contador de histórias**”²¹.

Síntese e considerações finais

1 – **O Objetivo** foi analisar como foi construída a “imortalidade” de dois intelectuais católicos norte-rio-grandenses: o folclorista e historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e o padre (cônego) Luís Gonzaga do Monte (1905-1944). A mortalidade de ambos começou a ser construída enquanto eles viviam, mas foi essa ideia fortalecida por outros após a morte de cada um deles. Cascudo e Monte, ainda em vida, apresentaram uma relação peculiar com a morte. **Para Cascudo** a morte era um “encantamento”. As pessoas não morriam, se encantavam. Havia uma fórmula mágica que transformava o vivo em encantado. O morto desaparece para os vivos, o encantado permanece vivo para os que vivem. **Para Monte**, a morte era algo positivo e que trazia alegria, era um presente e o marco de um verdadeiro encontro com Deus. **Após a morte**, familiares de Cascudo e a intelectualidade local passaram a afirmar que Cascudo não havia morrido, mas se encantado. **Após a morte** de Monte seus ex-alunos (que têm influência na opinião pública e histórica em Natal, pois são padres, jornalistas, advogados e outros) passaram a afirmar que Monte não havia morrido, mas partido rumo à luz. Lembrar do lema da ANL/RN de autoria de Monte (AD LUCEM VERSUS-RUMO A LUZ).

2. Justificativa: Entre os personagens históricos cultuados pelas celebrações realizadas em Natal dois apresentam uma característica comum: serem considerados imortais pela população. Outros personagens são até exaltados (Café Filho, José

²¹ NATAL perde o seu contador de histórias *Tribuna do Norte*, Natal, RN, 31 jul. 1986. Texto da primeira página. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/blog.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

Augusto, Dinarte Mariz, Aluísio Alves, Dom Nivaldo Monte, Dom Eugenio Sales), mas não imortalizados. A imortalidade de Cascudo e Monte está sacralizada na memória local. É comum as pessoas tratarem desses dois sujeitos como se ainda permanecessem vivos. Não se trata de apenas constatar a importância da obra que eles produziram em vida. O que se advoga é que Cascudo permanece em todos os lugares da cidade e que Monte é uma luz que continua para iluminar as soluções para problemas da humanidade. Diante disso, consideramos que para conhecer como se deu a construção dessa imortalidade é necessário traçar uma biografia de ambos, procurando associar como nessas biografias a imortalidade foi construída.

3 Referencial teórico:

Dois teóricos, entre outros, ajudarão na investigação: Dosse e Bordieu.

François Dosse (Obra: *O desafio biográfico*): **biografia hermenêutica** (uma biografia que não apenas exalta o herói (biografia heroica) nem se resume a usar o personagem para ilustrar uma determinada época (biografia modal). Pretende-se entender como Cascudo e Monte transitaram no tempo em que viverem, ou seja, como construíram suas ideias em um espaço e tempo concretos.

Pierre Bourdieu: a noção de **CAMPO**, que caracteriza a autonomia de certo domínio de concorrência e disputa interna. Análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde, assim, a um campo específico – no caso de Cascudo e Monte, o religioso -, no qual são determinados a posição social dos agentes e onde se revelam as figuras de “autoridade”, detentoras de maior volume de capital. Assim, a meta é entender as posições de Cascudo e Monte na construção de um campo. Cada um construiu uma relação de poder (o que gera os favoráveis e os contrários).

3 – Fontes

Para Cascudo:



Livros de sua autoria que se encontram na Babilônia sob os cuidados de sua família e alguns discípulos lembrar do Ludovicus (Daliana e Ana Maria Cascudo), de Diógenes (na Academia Norte Rio Grandense de Letras) do IHGRN na pessoa de Dr. Enélio (49 anos como presidente do IHGRN).

Para Monte

10 volumes da ANTOLOGIA de Padre Monte organizadas por Dr. Jurandy Navarro; biografias do cônego Jorge O' GRady e de Helenita Monte; livros de Padre Monte.

4 – A imortalidade em Monte e em Cascudo

Monte: a imortalidade dele está concentrada na sua genialidade e santidade, ele é tido o único sábio e santo do RN; era poliglota, santo e sábio por seus pares, escreveu sobre a teoria da relatividade antes de Einstein; provou matematicamente a existência de Deus diferente entre todos os que os cercavam.

Cascudo: cristalizou uma memória popular, os fatos a serem registrados, os homens a serem lembrados, os cultos a serem praticados, os lugares a serem preservados e a fixação de valores humanos para sociedade potiguar através de sua vasta obra conhecida e reconhecida internacionalmente.



Referências:

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 189-190.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. Bolsa de estudos eclesiásticos. (04.08.1944). In: _____. **O Livro das Velhas Figuras**. Natal/RN: IHGRN. v. 04, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 59-65. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. Há treze anos... In: **A República**, Natal, RN, p. 08, 09 ago. 1949.

Diário de Natal. **Perda lamentável**. Natal, p. 6, 01 ago. 1986.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

FERRARI, Alceu. **Igreja e Desenvolvimento**: o movimento de Natal. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

HOLLANDA, Helenita Yolanda Monte. **Ad Lucem Versus**: o luminoso destino de um homem – Uma biografia do Servo de Deus –. Bahia: [S.E], 2005.

MONTE, Luiz Gonzaga do. **Formação Moral e Cívica da Mocidade** (1940). Natal: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1978.

NAVARRO, Jurandyr (Org.). **Antologia do Padre Monte**. Natal/RN: Fundação José Augusto. v.01, 1976.

_____. **Antologia do Padre Monte**. Natal/RN: [S.E]. v.09, 2004.

PEREIRA, Nilo. O Padre Luiz Gonzaga do Monte, santo e sábio. **Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras**. Natal/RN, 1971. ano XX. n.º.9. p.134-143.